CARTA DE CONJUNTURA

NÚMERO 72 — NOTA DE CONJUNTURA 13 — 3 ° TRIMESTRE DE 2026

ipea Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

ATIVIDADE ECONÔMICA

Desempenho do PIB: segundo trimestre de 2026

Leonardo Mello de Carvalho
Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea)

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

Claudio Hamilton Matos dos Santos
Técnico de planejamento e pesquisa e coordenador de acompanhamento e estudos da Conjuntura na Dimac/Ipea

claudio.hamilton@ipea.gov.br

Divulgado em 11 de setembro de 2026.

Sumário

O produto interno bruto (PIB) brasileiro cresceu 0,5% no segundo trimestre de 2026, na série com ajuste sazonal, desacelerando em relação à alta de 1,1% registrada no período anterior. Na comparação com o mesmo trimestre de 2025, a economia avançou 2,0%, enquanto as taxas acumuladas no primeiro semestre e em quatro trimestres ficaram em 1,9%. Esses resultados vieram em linha com as previsões apresentadas na *Nota de Conjuntura* nº 71,[1] publicada em julho de 2026 pela Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Com a nova divulgação, o *carry-over* para 2026 passou de 1,4% para 1,8%.

O resultado mantém, em linhas gerais, o diagnóstico apresentado nas notas anteriores. Os efeitos defasados da política monetária restritiva continuam visíveis, embora amortecidos por um mercado de trabalho aquecido, pelo crescimento real dos rendimentos, pelas transferências às famílias e pelo desempenho favorável de atividades menos dependentes do ciclo doméstico. No segundo trimestre, todavia, essa combinação produziu uma composição menos favorável do que a observada no início do ano. O consumo das famílias recuou, a indústria de transformação permaneceu em contração e o crescimento dos serviços perdeu intensidade. A economia continuou avançando, portanto, mas com maior sustentação de fatores exógenos.

Pela ótica da produção, a agropecuária foi o principal destaque, com crescimento de 2,8% na margem e de 6,8% na comparação interanual. A indústria avançou apenas 0,1% frente ao trimestre anterior e 1,5% em relação ao segundo trimestre de 2025. O desempenho das indústrias extrativas, que aumentaram 3,4% na margem e 12,0% em termos interanuais, contrastou com as quedas de 0,4% e 0,9% da indústria de transformação. Os serviços, por sua vez, avançaram 0,2% na margem e 1,5% na comparação interanual. Essa heterogeneidade se refletiu na decomposição por sensibilidade ao ciclo doméstico: as atividades menos sensíveis avançaram 0,9% na margem e 3,0% na comparação interanual, ao passo que o bloco mais cíclico registrou altas de apenas 0,1% e 1,0%.

Pela ótica da despesa, o principal sinal de moderação veio do consumo das famílias, que recuou 0,4% na margem e cresceu 0,5% na comparação interanual. Embora o mercado de trabalho e os rendimentos reais continuem oferecendo sustentação ao consumo, a renda disponível real das famílias e as concessões reais de crédito

1. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2026/07/260708_cc_71_nota_24_visao_geral.pdf.

recuaram na margem, enquanto o elevado custo do crédito, o endividamento e o comprometimento da renda com o serviço da dívida continuam limitando a expansão dos gastos. O consumo do governo avançou 0,4% na margem e 3,1% em termos interanuais, enquanto a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) cresceu 1,2% e 1,4%, respectivamente. A absorção doméstica aumentou 1,2% frente ao primeiro trimestre, mas a demanda interna final, excluída a variação de estoques, ficou praticamente estável. No setor externo, a queda de 0,8% das exportações e a alta de 1,8% das importações resultaram em contribuição negativa das exportações líquidas na margem. Na comparação interanual, a contribuição do setor externo também foi negativa.

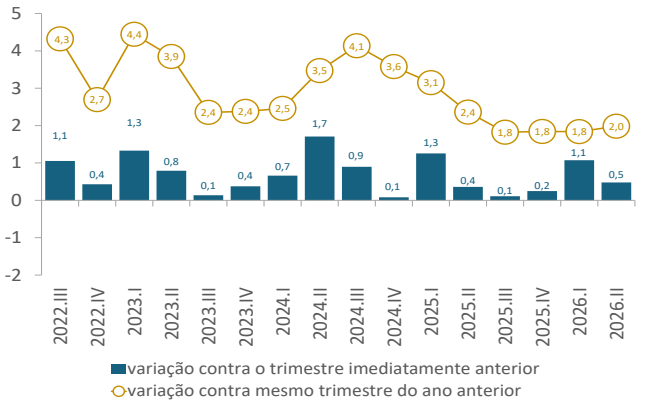
1 PIB

O PIB cresceu 0,5% no segundo trimestre de 2026 em relação ao período imediatamente anterior, na série dessazonalizada, após avançar 1,1% no primeiro trimestre. Em comparação com o mesmo trimestre de 2025, a economia cresceu 2,0%, acelerando ligeiramente em relação à taxa de 1,8% registrada nos três períodos anteriores (gráfico 1). O crescimento acumulado em quatro trimestres, contudo, voltou a desacelerar, passando de 2,0% para 1,9%.

Em valores correntes, o PIB totalizou R$ 3,43 trilhões no trimestre, dos quais R$ 2,94 trilhões corresponderam ao valor adicionado a preços básicos e R$ 487,9 bilhões aos impostos sobre produtos líquidos de subsídios. No primeiro semestre, a economia também cresceu 1,9% em relação ao mesmo período de 2025.

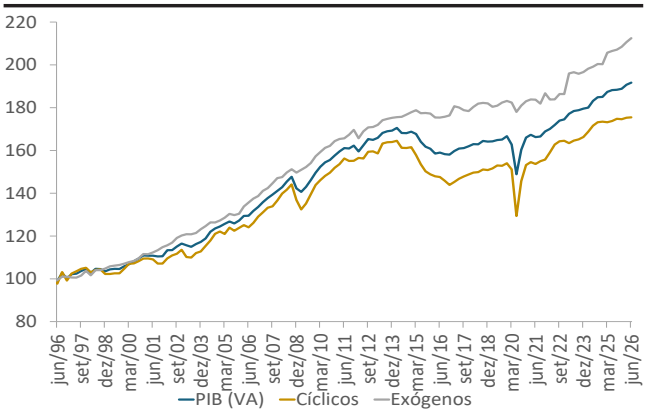
A divulgação incorporou pequenas revisões na série recente. O crescimento do segundo trimestre de 2025 foi elevado de 0,3% para 0,4%, enquanto a taxa do quarto trimestre passou de 0,3% para 0,2%. O avanço de 1,1% no primeiro trimestre de 2026 foi mantido. As revisões não alteram a trajetória recente, caracterizada por desaceleração ao longo do segundo semestre de 2025, aceleração no início de 2026 e nova acomodação no segundo trimestre. Vale destacar que, apesar dessa acomodação, o PIB completou vinte trimestres consecutivos de crescimento na série com ajuste sazonal. Desde o terceiro trimestre de 2021, a expansão média foi de aproximadamente 0,7% por trimestre. A duração dessa sequência evidencia a resiliência do nível agregado de atividade, mesmo diante do prolongado período de condições monetárias e financeiras restritivas.

GRÁFICO 1
PIB: evolução das taxas de crescimento trimestral e interanual
(Em %)



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea)

GRÁFICO 2
PIB: cíclico *versus* exógeno – evolução dos indicadores de atividade (jun. 1996-jun. 2026)
(Índices com ajuste sazonal, base: média de 1996 = 100)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Para qualificar a composição do crescimento, as atividades produtivas foram agrupadas em dois blocos. O primeiro reúne os segmentos menos sensíveis ao ciclo doméstico, aqui denominados exógenos, enquanto o segundo abrange as atividades mais diretamente afetadas pelas condições financeiras, pelo custo do crédito e pela evolução da demanda interna. Os resultados recentes continuam mostrando uma diferença expressiva de desempenho entre esses dois grupos (gráfico 2).

No segundo trimestre, as atividades exógenas cresceram 0,9% na margem, ante alta de apenas 0,1% dos segmentos cíclicos. Na comparação interanual, as taxas foram de 3,0% e 1,0%, respectivamente. O contraste também aparece no acumulado em quatro trimestres, com crescimento de 3,1% do primeiro grupo e de 1,0% do segundo. Após a recomposição parcial observada no início do ano, o impulso das atividades mais sensíveis à demanda doméstica voltou a perder intensidade.

TABELA 1
Decomposição do PIB: evolução das taxas de variação
(Em %)

	Trimestre/trimestre anterior dessazonalizado				Trimestre/igual trimestre do ano anterior				Acumulado	
	3T25	4T25	1T26	2T26	3T25	4T25	1T26	2T26	No ano	Em quatro trimestres
PIB a preços de mercado	0,3	0,1	0,3	1,1	2,4	1,8	1,8	1,8	1,8	2,0
Impostos sobre produtos	0,2	0,5	0,3	0,8	1,5	1,4	1,0	1,9	1,9	1,4
Valor adicionado a preços básicos	0,4	0,1	0,2	1,0	2,5	1,9	1,9	1,8	1,8	2,0
Cíclicos	0,6	-0,1	0,4	0,1	0,9	0,7	1,3	1,0	1,1	1,0
Indústria — cíclicos	0,3	-0,9	0,5	-0,4	-0,4	-1,8	-0,6	-0,5	-0,5	-0,8
Serviços — cíclicos	0,4	0,5	0,6	0,2	1,7	1,9	2,3	1,8	2,0	1,9
Exógenos	0,3	0,6	1,1	0,9	3,2	3,8	2,5	3,0	2,8	3,1
Agropecuária	0,5	0,7	2,3	2,8	10,1	12,1	0,7	6,8	3,6	6,2
Indústrias extrativas	2,4	1,7	3,9	3,4	11,9	12,0	13,1	12,0	12,5	12,2
Serviços — exógenos	0,2	0,9	0,2	0,0	0,8	2,0	1,9	1,2	1,6	1,5

Fontes: Ipea e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em relação às projeções da Dimac/Ipea, os resultados agregados coincidiram com as estimativas de crescimento de 0,5% na margem e de 2,0% na comparação interanual. A composição também permaneceu, de modo geral, dentro dos intervalos considerados. Pelo lado da produção, a principal surpresa positiva veio da agropecuária, enquanto o desempenho dos serviços ficou abaixo do projetado. Pelo lado da despesa, enquanto o consumo das famílias nos surpreendeu negativamente, esperávamos uma contribuição mais negativa das exportações líquidas.

2 Ótica da produção

Sob a ótica da produção, o resultado do segundo trimestre reforça um quadro de crescimento positivo, porém bastante heterogêneo. Na série dessazonalizada, os três grandes setores registraram expansão, mas o avanço ficou concentrado na agropecuária. A indústria e os serviços cresceram em ritmo modesto, e a abertura desses agregados mostra diferenças importantes entre os segmentos mais expostos ao ciclo doméstico e aqueles beneficiados por condições específicas de oferta, pela demanda externa ou por características idiossincráticas menos associadas ao ciclo.

A agropecuária cresceu 2,8% frente ao primeiro trimestre, acelerando em relação à alta de 2,3% observada no início do ano. Na comparação interanual, o setor avançou 6,8%, acumulando crescimento de 3,6% no primeiro semestre e de 6,2% em quatro trimestres. Segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de agosto, o resultado refletiu principalmente as estimativas favoráveis para soja e café, com aumentos de produção de 5,3% e 15,1%, respectivamente. Esses desempenhos compensaram as quedas previstas para arroz e algodão, enquanto a produção de milho permaneceu estável. A pecuária também contribuiu positivamente, com destaque para aves e bovinos.

O setor permanece entre os principais vetores menos dependentes do ciclo doméstico, uma vez que sua dinâmica de curto prazo responde predominantemente a condições climáticas, produtividade, safras e demanda externa. O resultado do segundo trimestre deixou carry-over de 4,3% para 2026.

O valor adicionado dos serviços cresceu 0,2% na margem, desacelerando em relação à alta de 0,4% observada no primeiro trimestre. Na comparação interanual, o setor avançou 1,5%, após crescer 2,1% no período anterior. No primeiro semestre, a expansão foi de 1,8%, enquanto a taxa acumulada em quatro trimestres ficou em 1,7%. O crescimento na margem ficou concentrado em informação e comunicação, com alta de 2,1%, e transporte, armazenagem e correio, com avanço de 1,1%. As atividades imobiliárias cresceram 0,2%. Em contrapartida, comércio e outras atividades de serviços permaneceram praticamente estáveis, enquanto as atividades financeiras e a administração pública recuaram 0,3% e 0,4%, respectivamente.

Na comparação interanual, todas as atividades permaneceram em expansão, com destaque para informação e comunicação, que cresceu 8,4%, e atividades imobiliárias, com alta de 2,2%. Ainda assim, a diferença entre o crescimento disseminado nessa base de comparação e a maior concentração dos resultados positivos na margem sugere perda de impulso do setor ao longo do primeiro semestre.

TABELA 2
PIB e setores produtivos: evolução das taxas de crescimento
(Em %)

	Pesos	Trimestre/trimestre anterior dessazonalizado				Trimestre/igual trimestre do ano anterior				Acumulado			
		3T25	4T25	1T26	2T26	3T25	4T25	1T26	2T26	No ano (dessaz.)	No ano (yoy)	Em quatro trimestres	*Carry-over* 2026
PIB a preços de mercado	**100,0**	**0,1**	**0,2**	**1,1**	**0,5**	**1,8**	**1,8**	**1,8**	**2,0**	**1,6**	**1,9**	**1,9**	**1,8**
Impostos sobre produtos	14,0	**0,5**	**0,3**	**0,9**	**0,8**	**1,4**	**1,0**	**1,9**	**2,5**	**1,7**	**2,2**	**1,7**	**2,0**
Valor adicionado a preços básicos	**86,0**	**0,1**	**0,2**	**1,0**	**0,5**	**1,9**	**1,9**	**1,8**	**1,9**	**1,5**	**1,9**	**1,9**	**1,8**
Agropecuária	**6,1**	**0,5**	**0,7**	**2,3**	**2,8**	**10,1**	**12,1**	**0,7**	**6,8**	**5,1**	**3,6**	**6,2**	**4,3**
Indústria	**20,1**	**0,6**	**-0,7**	**1,2**	**0,1**	**1,7**	**0,6**	**1,6**	**1,5**	**1,4**	**1,6**	**1,4**	**1,3**
Extrativa	3,2	**2,4**	**1,7**	**3,9**	**3,4**	**11,9**	**12,0**	**13,1**	**12,0**	**7,4**	**12,5**	**12,2**	**10,3**
Indústria de transformação	11,8	**0,2**	**-0,7**	**0,1**	**-0,4**	**-0,6**	**-2,0**	**-0,9**	**-0,9**	**-0,3**	**-0,9**	**-1,1**	**-0,8**
Eletricidade e gás, água, esgoto, ativ. de gestão de resíduos	2,0	**-1,2**	**1,2**	**0,0**	**-1,1**	**-1,0**	**1,0**	**-1,7**	**-0,5**	**-1,1**	**-1,1**	**-0,6**	**-0,8**
Construção	3,2	**0,9**	**-2,3**	**2,8**	**-0,4**	**2,0**	**-2,9**	**1,3**	**1,0**	**2,4**	**1,1**	**0,3**	**1,2**
Serviços	**59,7**	**0,3**	**0,6**	**0,4**	**0,2**	**1,3**	**2,0**	**2,1**	**1,5**	**0,6**	**1,8**	**1,7**	**1,4**
Comércio	10,0	**0,3**	**-0,2**	**0,8**	**0,0**	**0,9**	**0,2**	**1,0**	**0,9**	**0,8**	**1,0**	**0,8**	**0,9**
Transporte, armazenagem e correio	3,1	**2,2**	**-1,4**	**-0,6**	**1,1**	**4,2**	**1,7**	**0,7**	**1,2**	**0,5**	**0,9**	**2,0**	**0,3**
Informação e comunicação	3,1	**1,6**	**1,7**	**2,7**	**2,1**	**5,3**	**7,1**	**7,6**	**8,4**	**4,8**	**8,0**	**7,1**	**6,8**
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	7,3	**-1,1**	**3,0**	**-0,7**	**-0,3**	**0,4**	**4,5**	**2,8**	**1,0**	**-0,9**	**1,9**	**2,2**	**1,2**
Atividades Imobiliárias	7,5	**0,7**	**0,1**	**1,1**	**0,2**	**2,0**	**1,9**	**2,9**	**2,2**	**1,4**	**2,6**	**2,3**	**2,0**
Outras atividades de serviços	15,1	**0,1**	**0,7**	**0,4**	**0,0**	**1,1**	**2,1**	**2,4**	**1,1**	**0,3**	**1,7**	**1,7**	**1,2**
Adm., defesa, saúde e educação públicas e seguridade social	13,7	**0,4**	**0,3**	**0,4**	**-0,4**	**0,3**	**0,9**	**1,1**	**0,9**	**0,0**	**1,0**	**0,8**	**0,6**

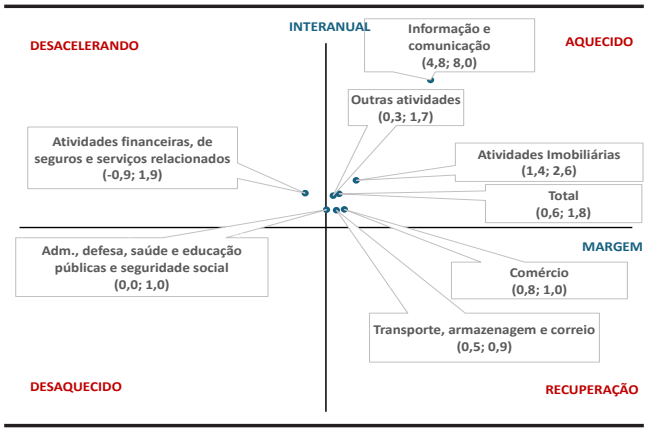
Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A leitura em quadrantes reforça essa interpretação. Informação e comunicação permanece como o segmento de maior dinamismo, combinando forte crescimento ao longo do ano e em relação ao primeiro semestre de 2025. Comércio, transporte, atividades imobiliárias e outras atividades de serviços também se mantêm em terreno positivo, mas com taxas mais moderadas. Já as atividades financeiras e a administração pública registram perda de intensidade na margem, embora permaneçam acima dos níveis observados um ano antes.

A indústria cresceu apenas 0,1% no segundo trimestre frente ao período anterior, após a alta de 1,2% observada no início do ano. Na comparação interanual, o setor avançou 1,5%, acumulando crescimento de 1,6% no primeiro semestre e de 1,4% em quatro trimestres. O resultado agregado continuou sendo sustentado pelas indústrias extrativas, que cresceram 3,4% na margem e 12,0% em relação ao segundo trimestre de 2025, refletindo principalmente o aumento da extração de petróleo e gás. No primeiro semestre, o segmento acumulou expansão de 12,5%.

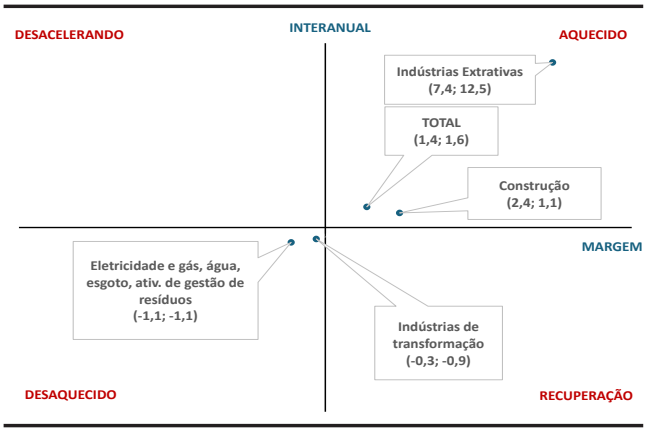
Em contraste, a indústria de transformação recuou 0,4% frente ao primeiro trimestre e 0,9% na comparação interanual, completando, nesta última base de comparação, cinco trimestres consecutivos de variação negativa. Segundo o IBGE, os resultados positivos de máquinas e equipamentos, outros equipamentos de transporte, produtos têxteis e produtos químicos não foram suficientes para compensar as quedas em derivados de petróleo, veículos automotores e produtos farmacêuticos. O agrupamento de eletricidade e gás, água, esgoto e gestão de resíduos caiu 1,1% na margem e 0,5% em termos interanuais, enquanto a construção recuou 0,4% frente ao trimestre anterior, apesar de ainda crescer 1,0% em relação ao mesmo período de 2025. Em contraste com as indústrias extrativas, os ramos industriais mais associados ao ciclo doméstico permaneceram em retração. A dualidade entre a forte expansão da produção mineral e o baixo dinamismo da transformação, da construção e das utilidades continua evidenciando os efeitos mais intensos das condições financeiras sobre os segmentos ligados ao investimento privado, à produção de bens de capital e ao consumo de bens duráveis.

GRÁFICO 3
PIB de serviços e componentes: taxas de crescimento acumuladas no ano – margem *versus* interanual (2º trim. 2026)
(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Obs.: A comparação acumulada na margem é calculada a partir das taxas trimestrais dessazonalizadas.

GRÁFICO 4
PIB da indústria e componentes: taxas de crescimento acumuladas no ano – margem *versus* interanual (2º trim. 2026)
(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

BOX 1

BOX 1

Taxas de variação no segundo trimestre de 2026: contribuições por setor pela ótica da produção[2]

- Embora a comparação com o trimestre imediatamente anterior, com ajuste sazonal, não apresente aditividade plena entre os componentes, o exercício de contribuição ajuda a qualificar a composição do crescimento na margem. No segundo trimestre de 2026, a alta de 0,48% do PIB foi explicada principalmente pela agropecuária, cuja contribuição estimada foi de 0,18 ponto percentual (p.p.), seguida pelos impostos sobre produtos líquidos de subsídios (0,13 p.p.), pelos serviços (0,12 p.p.) e pela indústria (0,05 p.p.). Entre as atividades desagregadas, os maiores impactos positivos vieram das indústrias extrativas (0,11 p.p.), de informação e comunicação (0,07 p.p.), de transporte, armazenagem e correio (0,04 p.p.) e das atividades imobiliárias (0,03 p.p.).
- O setor de serviços foi o principal destaque positivo na comparação interanual, adicionando 0,92 p.p. ao crescimento do PIB no segundo trimestre de 2026. Entre as atividades que compõem o setor, os maiores

2. Valores aproximados. As contribuições na comparação dessazonalizada são exercícios analíticos, uma vez que as séries são ajustadas individualmente e não apresentam aditividade plena.

impactos vieram de informação e comunicação (0,26 p.p.), outras atividades de serviços (0,17 p.p.), atividades imobiliárias (0,17 p.p.) e administração pública, saúde e educação (0,12 p.p.).

- A indústria contribuiu com 0,30 p.p. para a taxa interanual do PIB. O resultado líquido, contudo, esconde uma composição bastante heterogênea: as indústrias extrativas adicionaram 0,38 p.p., permanecendo como o principal vetor de sustentação industrial, enquanto a indústria de transformação retirou 0,10 p.p. do crescimento. O agrupamento de eletricidade e gás, água, esgoto e gestão de resíduos também exerceu contribuição ligeiramente negativa (-0,01 p.p.), ao passo que a construção apresentou impacto positivo, porém modesto (0,03 p.p.).
- A agropecuária adicionou 0,41 p.p. ao crescimento interanual do PIB no segundo trimestre, contribuição significativamente superior à observada no período anterior, refletindo a aceleração do setor nessa base de comparação. No acumulado em quatro trimestres, sua contribuição permaneceu relevante, em 0,37 p.p.
- No acumulado em quatro trimestres, o crescimento de 1,9% do PIB continuou sendo explicado principalmente pelos serviços (1,02 p.p.), seguidos pela agropecuária (0,37 p.p.), pela indústria (0,25 p.p.) e pelos impostos sobre produtos líquidos de subsídios (0,23 p.p.). Entre os componentes desagregados, destacaram-se as indústrias extrativas (0,39 p.p.), outras atividades de serviços (0,25 p.p.), informação e comunicação (0,22 p.p.) e atividades imobiliárias (0,17 p.p.).

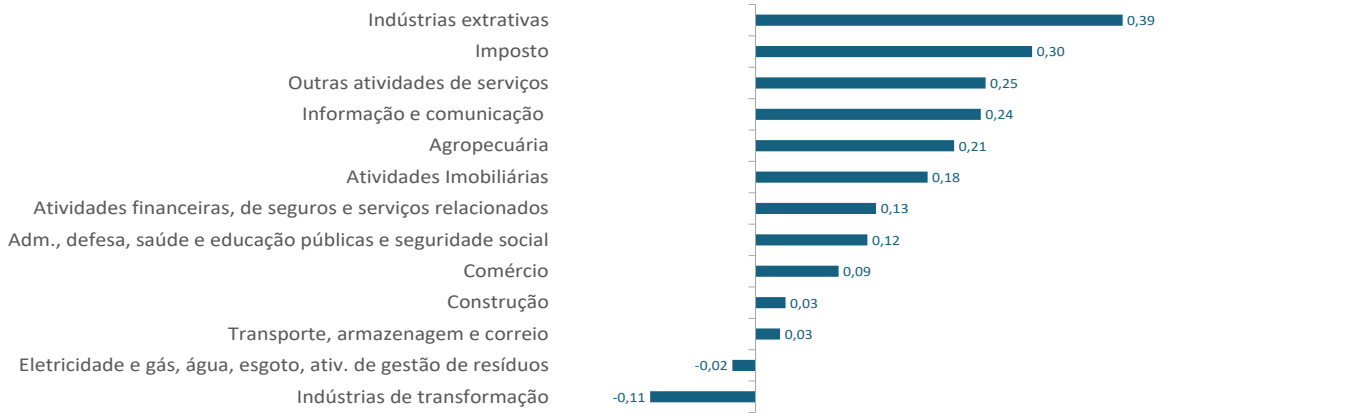
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 3
PIB por setores e atividades: contribuição para as taxas de crescimento real[1]
(Em %)

	Trimestre/trimestre anterior dessazonalizado				Trimestre/igual trimestre do ano anterior				Acumulado	
	3T25	4T25	1T26	2T26	3T25	4T25	1T26	2T26	No ano	Em quatro trimestres
PIB a preços de mercado	0,1	0,3	1,1	0,5	1,8	1,8	1,8	2,0	1,9	1,9
Impostos sobre produtos	0,03	0,03	0,17	0,13	0,18	0,10	0,26	0,35	0,31	0,23
Valor adicionado a preços básicos	0,08	0,22	0,91	0,35	1,64	1,74	1,58	1,63	1,60	1,64
Agropecuária	0,01	0,03	0,16	0,18	0,58	0,68	0,04	0,41	0,22	0,37
Indústria	0,05	-0,09	0,28	0,05	0,37	0,06	0,30	0,30	0,30	0,25
Extrativa	0,08	0,06	0,13	0,11	0,43	0,43	0,41	0,38	0,40	0,39
Indústria de transformação	-0,01	-0,10	0,05	-0,03	-0,09	-0,28	-0,11	-0,10	-0,10	-0,13
Eletricidade e gás, água, esgoto, ativ. de gestão de resíduos	-0,03	0,02	0,01	-0,02	-0,02	0,02	-0,04	-0,01	-0,02	-0,01
Construção	0,02	-0,07	0,10	-0,01	0,06	-0,10	0,04	0,03	0,03	0,01
Serviços	0,02	0,28	0,47	0,12	0,70	1,00	1,24	0,92	1,08	1,02
Comércio	0,00	-0,03	0,11	0,02	0,08	-0,01	0,10	0,09	0,10	0,07
Transporte, armazenagem e correio	0,06	-0,05	-0,01	0,04	0,13	0,04	0,02	0,04	0,03	0,06
Informação e comunicação	0,04	0,05	0,09	0,07	0,16	0,20	0,23	0,26	0,24	0,22
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	-0,09	0,19	-0,03	-0,01	0,02	0,27	0,20	0,07	0,13	0,16
Atividades Imobiliárias	0,03	0,00	0,11	0,03	0,14	0,12	0,21	0,17	0,19	0,17
Outras atividades de serviços	-0,03	0,09	0,10	0,01	0,14	0,28	0,35	0,17	0,26	0,25
Adm., defesa, saúde e educação públicas e seguridade social	0,01	0,03	0,10	-0,03	0,02	0,09	0,14	0,12	0,13	0,10

Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Nota: [1] Valores aproximados.
Obs.: Valores referentes ao PIB dizem respeito à taxa de crescimento, em porcentagem.

GRÁFICO 5
PIB: contribuição para a taxa de crescimento acumulada no ano (2º trim. 2026)
(Em p.p.)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Ótica da despesa

Pela ótica da despesa, o resultado do segundo trimestre revela uma moderação mais clara da demanda privada. A absorção doméstica cresceu 1,2% na margem, mas esse avanço foi sustentado pela variação de estoques, cuja contribuição para o crescimento do PIB ficou próxima de 1 p.p. pelo segundo trimestre consecutivo — cerca de 1,0 p.p. no primeiro trimestre e 0,9 p.p. no segundo. Excluída a variação de estoques, a demanda interna final — formada pelo consumo das famílias, pelo consumo do governo e pela FBCF — recuou ligeiramente, em 0,1%.

Entre os componentes da demanda interna final, ainda com base na comparação dessazonalizada, o consumo total caiu 0,3%, refletindo a retração do consumo das famílias, parcialmente compensada pelo aumento do consumo do governo, enquanto a FBCF avançou 1,2%, sendo o destaque positivo. Do lado externo, por sua vez, as exportações líquidas exerceram contribuição negativa para o crescimento do PIB, em razão da queda das exportações e do avanço das importações.

TABELA 4
PIB e componentes da despesa: evolução das taxas de crescimento
(Em %)

	Trimestre/trimestre anterior dessazonalizado				Trimestre/igual trimestre do ano anterior				Acumulado			
	3T25	4T25	1T26	2T26	3T25	4T25	1T26	2T26	No ano (dessaz.)	No ano (yoy)	Em quatro trimestres	*Carry-over* 2026
PIB a preços de mercado	0,1	0,2	1,1	0,5	1,8	1,8	1,8	2,0	1,6	1,9	1,9	1,8
Absorção doméstica (demanda interna final + variação de estoques)	-0,2	-0,2	1,4	1,2	0,9	-0,7	0,8	2,3	2,6	1,5	0,8	2,0
Demanda interna final	0,3	-0,2	1,1	-0,1	1,0	0,8	1,4	1,1	1,0	1,3	1,1	1,1
Consumo total	0,3	0,3	0,8	-0,3	0,7	1,6	2,0	1,1	0,5	1,5	1,3	1,1
Consumo das famílias	-0,1	0,1	0,8	-0,4	0,4	1,0	1,7	0,5	0,4	1,1	0,9	0,8
Consumo do governo	1,3	1,0	0,4	0,4	1,8	3,6	2,8	3,1	0,8	2,9	2,8	2,1
FBCF	0,7	-3,8	3,4	1,2	2,3	-3,1	-1,4	1,4	4,7	0,0	-0,2	1,3
Exportações de bens e serviços	3,3	3,8	-2,1	-0,8	7,2	14,2	7,4	3,8	-2,8	5,5	8,0	2,1
Importações de bens e serviços	0,5	-1,1	4,2	1,8	2,2	-0,3	1,2	5,5	6,1	3,4	2,1	4,5

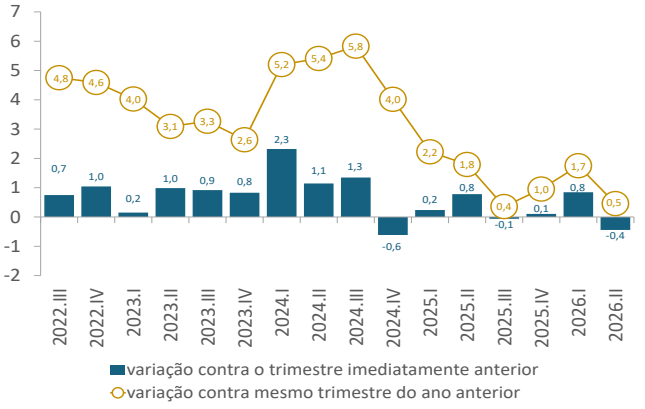
Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O consumo das famílias recuou 0,4% no segundo trimestre, na série dessazonalizada, devolvendo parte da alta de 0,8% observada no período anterior. Na comparação interanual, o crescimento desacelerou de 1,7% para 0,5%. No primeiro semestre, o componente avançou 1,1%, enquanto a taxa acumulada em quatro trimestres

caiu para 0,9%. O resultado se insere em uma trajetória que vem apresentando alguma fragilidade desde o final de 2024, intercalada por poucos trimestres de expansão mais forte (gráfico 6). Entre o quarto trimestre daquele ano e o segundo trimestre de 2026, o consumo das famílias cresceu, em média, aproximadamente 0,1% por trimestre.

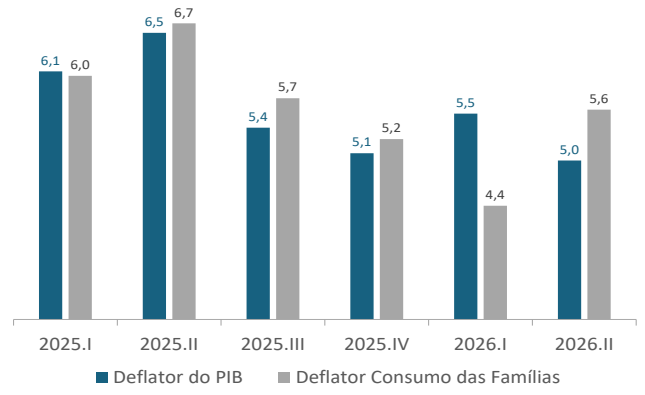
Não obstante, os principais fundamentos da renda permanecem favoráveis: o mercado de trabalho continua aquecido, a taxa de desocupação está em mínimas históricas e a massa salarial real cresceu 4,7% em relação ao segundo trimestre de 2025. Esse quadro, contudo, apresentou sinais de moderação na margem. A renda disponível real das famílias, medida pelo Banco Central, permaneceu 2,4% acima do nível observado um ano antes, mas recuou 0,4% frente ao primeiro trimestre. As condições de crédito também se tornaram menos favoráveis no período. Embora o saldo real de crédito às pessoas físicas continue crescendo, as concessões reais recuaram 0,7% na margem. Cabe notar que esse agregado inclui operações que não necessariamente representam financiamento de novos gastos, como compras com cartão de crédito à vista, em uma única parcela, e operações de composição de dívidas. Excluídas essas modalidades, o recuo das concessões foi mais intenso, de 1,6%. Ao mesmo tempo, o endividamento, o comprometimento da renda com o serviço da dívida e a inadimplência permanecem elevados.

GRÁFICO 6
Consumo das famílias: evolução das taxas de crescimento trimestral e interanual
(Em %)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 7
PIB – deflatores – evolução das taxas de variação interanual
(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Do lado dos preços, o deflator implícito do consumo das famílias acelerou de 4,4% no primeiro trimestre para 5,6% no segundo, na comparação interanual, interrompendo o movimento de arrefecimento observado no início do ano. No mesmo período, o deflator do PIB desacelerou de 5,5% para 5,0%, indicando aumento do preço relativo da cesta de consumo das famílias frente ao conjunto dos bens e serviços produzidos na economia. Esse movimento guarda correspondência com a evolução do IPCA, cuja taxa acumulada em doze meses (também calculado em base interanual) passou de 4,1% em março para 4,6% em junho, depois de atingir 4,7% em maio. Embora os indicadores não sejam diretamente comparáveis, dadas as diferenças de cobertura e metodologia, ambos apontam para maior pressão sobre os preços enfrentados pelas famílias no segundo trimestre (gráfico 7).

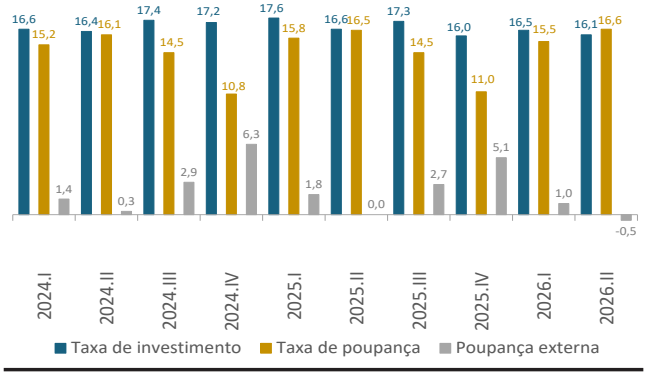
O consumo do governo avançou 0,4% no segundo trimestre, mantendo o mesmo ritmo observado no período anterior. Na comparação interanual, o crescimento acelerou de 2,8% para 3,1%. Com isso, o componente acumulou alta de 2,9% no primeiro semestre e de 2,8% em quatro trimestres. A trajetória recente mantém o consumo público como importante elemento de sustentação da demanda doméstica, em contraste com o desempenho mais moderado do consumo das famílias, e deixa um carry-over de 2,1% para 2026.

A FBCF cresceu 1,2% na margem, após alta de 3,4% no primeiro trimestre, acumulando dois resultados positivos consecutivos depois da retração registrada no final de 2025. Na comparação interanual, o investimento avançou 1,4%, revertendo as quedas dos dois períodos anteriores. A melhora recente ainda deve ser interpretada com cautela. A FBCF permaneceu praticamente estável no primeiro semestre e recuou 0,2% no acumulado em quatro trimestres. Segundo o IBGE, o resultado interanual foi sustentado pelas importações de bens de capital, pelos investimentos em software e pelo avanço da construção, que compensaram a queda da produção doméstica de bens de capital.

A composição indica que a recuperação do agregado ainda não representa uma retomada ampla do investimento produtivo doméstico. Os juros reais elevados e o custo do financiamento continuam limitando os projetos mais sensíveis ao crédito, enquanto as importações de bens de capital, os ativos intangíveis e a construção oferecem sustentação parcial ao resultado.

A taxa de investimento, medida pela relação entre a FBCF e o PIB em valores correntes, ficou em 16,1% no segundo trimestre, abaixo dos 16,6% registrados no mesmo período de 2025. Já a taxa de poupança aumentou ligeiramente, de 16,5% para 16,6% do PIB. A necessidade de financiamento da economia recuou de R$ 53,1 bilhões para R$ 36,3 bilhões.

GRÁFICO 8
Taxas de investimento, poupança interna e poupança externa
(Em %)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

As exportações de bens e serviços recuaram 0,8% na margem, após queda de 2,1% no primeiro trimestre. As importações, por sua vez, cresceram 1,8%, depois de avançarem 4,2% no período anterior. Com isso, as exportações líquidas exerceram contribuição negativa sobre o crescimento trimestral.

Na comparação interanual, as exportações aumentaram 3,8%, com destaque para produtos da indústria extrativa, da agropecuária e da indústria de alimentos. As importações cresceram 5,5%, impulsionadas, entre outros itens, por veículos automotores, artigos de vestuário e materiais elétricos. Parte dessa expansão esteve associada às compras externas de bens de capital que também sustentaram a FBCF.

No primeiro semestre, o setor externo apresentou resultado mais favorável: as exportações cresceram 5,5%, ante alta de 3,4% das importações. No acumulado em quatro trimestres, as taxas foram de 8,0% e 2,1%, respectivamente.

Em conjunto, os resultados mostram que o setor externo continua refletindo forças de natureza distinta. De um lado, a demanda externa por produtos agropecuários, minerais e alimentícios segue favorecendo atividades relativamente menos sensíveis ao ciclo doméstico. De outro, a recuperação das importações, em parte associada ao investimento, reduz a contribuição líquida externa e sinaliza maior absorção de bens e serviços produzidos no exterior. O resultado do segundo trimestre deixa *carry-over* de 2,1% para as exportações e de 4,5% para as importações em 2026.

BOX 2

Taxas de variação no segundo trimestre de 2026: contribuições pela ótica da despesa[3]

- Embora a comparação com o trimestre imediatamente anterior, com ajuste sazonal, não apresente aditividade plena entre os componentes, o exercício de contribuição ajuda a qualificar a composição do crescimento na margem. No segundo trimestre de 2026, a absorção interna adicionou 0,93 ponto percentual (p.p.) à alta de 0,48% do PIB. A contribuição da demanda interna final foi praticamente nula, uma vez que os impactos positivos da FBCF (0,20 p.p.) e do consumo do governo (0,08 p.p.) compensaram a contribuição negativa do consumo das famílias (-0,28 p.p.). A variação de estoques, por sua vez, adicionou 0,93 p.p. ao resultado. Em sentido contrário, as exportações líquidas retiraram 0,45 p.p. do crescimento na margem, refletindo as contribuições negativas tanto das exportações (-0,13 p.p.) quanto das importações (-0,31 p.p.) (tabela 5).
- Na comparação interanual, a absorção doméstica também contribuiu positivamente para o crescimento do PIB, adicionando 2,26 p.p. no segundo trimestre. A demanda interna final respondeu por 1,11 p.p., com contribuições positivas do consumo do governo (0,58 p.p.), do consumo das famílias (0,29 p.p.) e da FBCF (0,24 p.p.). A variação de estoques adicionou outros 1,15 p.p., contribuição de magnitude semelhante à de todos os componentes da demanda interna final somados.
- O setor externo, diferentemente do observado no primeiro trimestre, exerceu contribuição negativa também na comparação interanual, retirando 0,28 p.p. do crescimento do PIB. A contribuição positiva das exportações, de 0,69 p.p., foi mais que compensada pelo efeito negativo das importações (-0,97 p.p.). Desse modo, embora as vendas externas tenham continuado avançando em relação ao mesmo período de 2025, o crescimento mais intenso das compras externas resultou em vazamento líquido de demanda no segundo trimestre.
- No acumulado em quatro trimestres, o crescimento de 1,9% do PIB continuou sustentado tanto pela absorção interna quanto pelo setor externo. A absorção interna adicionou 0,82 p.p., com contribuição de 1,06 p.p. da demanda interna final. Dentro desta última, destacaram-se o consumo das famílias (0,55 p.p.) e o consumo do governo (0,54 p.p.), enquanto a FBCF exerceu impacto ligeiramente negativo (-0,03 p.p.). A variação de estoques retirou 0,25 p.p. do crescimento acumulado.
- Também no acumulado em quatro trimestres, as exportações líquidas adicionaram 1,06 p.p. ao crescimento do PIB, resultado da contribuição positiva de 1,43 p.p. das exportações, parcialmente compensada pelo impacto negativo de 0,38 p.p. das importações. Em conjunto, as contribuições mostram que a absorção doméstica e o setor externo ofereceram sustentação de magnitudes semelhantes no horizonte mais longo. Na margem, contudo, a composição foi distinta: o crescimento esteve fortemente apoiado na contribuição da variação de estoques, enquanto as exportações líquidas exerceram contribuição negativa.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

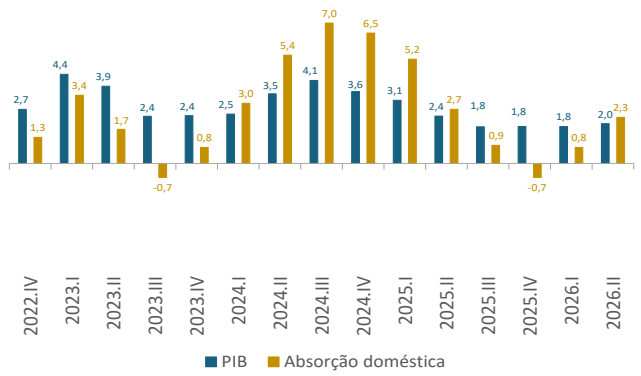
3. Nota: valores aproximados. A contribuição da variação de estoques é obtida como resíduo da identidade pela ótica da despesa. As contribuições na comparação dessazonalizada constituem exercícios analíticos, uma vez que as séries são ajustadas individualmente e não apresentam aditividade plena.

TABELA 5
PIB pela ótica da despesa: contribuição para as taxas de crescimento real
(Em p.p.)

	Trimestre/trimestre anterior dessazonalizado				Trimestre/igual trimestre do ano anterior				Acumulado	
	3T25	4T25	1T26	2T26	3T25	4T25	1T26	2T26	No ano	Em quatro trimestres
PIB[1]	0,1	0,3	1,1	0,5	1,8	1,8	1,8	2,0	1,9	1,9
Absorção doméstica (demanda interna final + variação de estoques)	-0,40	-0,63	2,19	0,93	0,93	-0,77	0,73	2,26	1,52	0,82
Demanda interna final	0,33	-0,40	1,18	0,00	0,97	0,76	1,41	1,11	1,26	1,06
Consumo total	0,21	0,25	0,61	-0,20	0,57	1,29	1,64	0,87	1,25	1,09
Consumo das famílias	-0,04	0,07	0,54	-0,28	0,23	0,61	1,11	0,29	0,70	0,55
Consumo do governo	0,25	0,18	0,07	0,08	0,34	0,68	0,53	0,58	0,56	0,54
FBCF	0,12	-0,64	0,58	0,20	0,39	-0,53	-0,23	0,24	0,00	-0,03
Variação de estoques	-0,73	-0,23	1,00	0,93	-0,04	-1,53	-0,67	1,15	0,26	-0,25
Exportações líquidas de bens e serviços	0,51	0,88	-1,11	-0,45	0,90	2,61	1,11	-0,28	0,39	1,06
Exportações	0,59	0,68	-0,37	-0,13	1,29	2,55	1,32	0,69	0,98	1,43
Importações	-0,09	0,20	-0,74	-0,31	-0,39	0,06	-0,21	-0,97	-0,59	-0,38

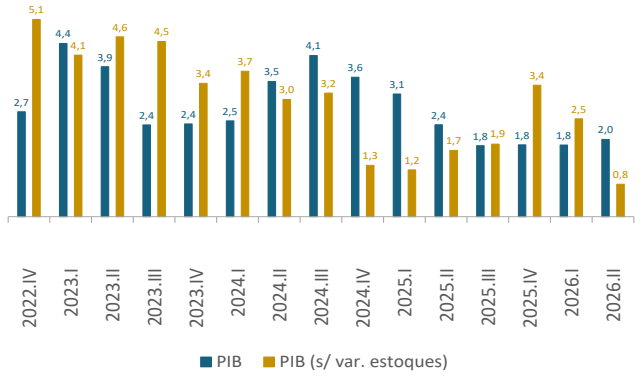
Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Nota: [1] Valores referentes ao PIB dizem respeito à taxa de crescimento, em porcentagem.

GRÁFICO 9
Taxas de crescimento: PIB *versus* absorção doméstica – variação interanual
(Em %)



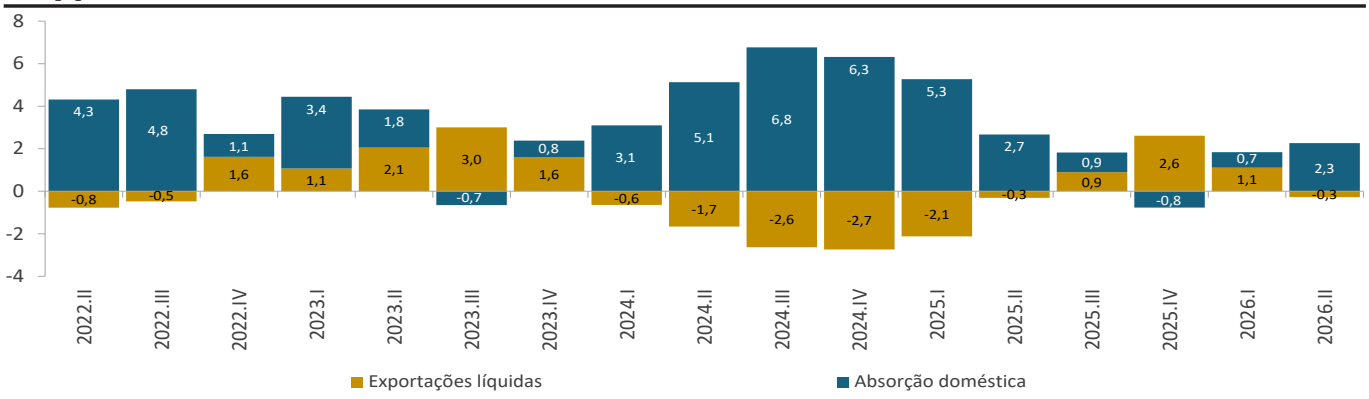
Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 10
PIB *versus* PIB sem estoques – variação interanual
(Em %)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 11
Contribuições da absorção doméstica e das exportações líquidas para o crescimento interanual do PIB
(Em p.p.)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)
Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Claudio Hamilton Matos dos Santos (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora y Araujo
Sandro Sacchet de Carvalho
Sergio Fonseca Ferreira

Equipe de Assistentes:

Ana Muanis Roquete
Caio Rodrigues Gomes Leite
Juliana Alves de Souza França;
Maria Natalina Ferrera Costa
Marcelo Guedes Pecly
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira
Thaíssa Soares Machado Dutra

Equipe Administrativa:

Aline Conceição Santos
Carla Nunes Menezes
Rosanne Rodrigues Barbosa

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.